

Por Kelly Mendes Lima¹ e Rodrigo Silva Trindade²

Ernani Terra é pós-doutor em Semiótica Discursiva, professor universitário e autor de diversos livros nas áreas de literatura, produção de texto e língua portuguesa, dentre os quais destacamos seu último lançamento: *A Produção Literária e a Formação de Leitores em Tempos de Tecnologia Digital* (2015).

Professor Ernani, agradecemos pela sua disposição em participar da entrevista para mais um número da *Metalinguagens*. Começamos por seu livro *Leitura do texto literário*, no qual o senhor anuncia que “o objetivo não é formar especialistas em história da literatura ou crítica literária, mas contribuir para a formação de leitores capazes de compreender e apreciar textos literários”. Sua obra, portanto, visa a trazer, para o professor ou quaisquer interessados no tema, contemporâneas discussões da Academia. Como vê a recepção dessa abordagem pelo público?

Ao produzir um texto, o sujeito da enunciação desdobra-se em enunciador e enunciatário. O primeiro realiza um fazer comunicativo; o segundo, um fazer interpretativo. Ao produzir *Leitura do texto literário*, constituí como enunciatário o leitor comum, que defino como o não especialista, ou seja, um leitor que não fará uma leitura "acadêmica" do texto. Explicito quem entendo por esse leitor já na apresentação do livro: estudantes de letras e de pedagogia, principalmente, e também qualquer outro leitor que tenha interesse em se iniciar no assunto. Para estabelecer a relação comunicativa com esse tipo de leitor, procurei apresentar conceitos teóricos numa linguagem direta e objetiva, tentando evitar um jargão mais técnico e explicitando os conceitos com exemplificação. É evidente que, em diversos momentos, tive de me valer de uma linguagem mais técnica. Mesmo nesses casos, procurei expor os conceitos de um modo que a metalinguagem não se tornasse um obstáculo à compreensão para os leitores comuns.

Assim procedendo, creio que o livro terá, como de fato está tendo, uma boa recepção por parte do público a que se destina, porque, afinal, está cumprindo o papel a

¹ Doutoranda em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/USP; docente do IFSP/Câmpus São Paulo. Endereço eletrônico: kellyml333@gmail.com

² Mestre em Literatura Brasileira/USP; docente do IFSP/Câmpus São Paulo. Endereço eletrônico: r.trindade@outlook.com

que se propôs: levar para o público em geral, em linguagem acessível a ele, sem deixar de lado o rigor técnico, conceitos que são discutidos no mundo acadêmico e em obras não muito acessíveis a esse público.

Outra discussão proposta no mesmo livro é quanto a concepções de “literatura” e “literariedade”. Quais caminhos podem ser percorridos para a escola lidar com isso?

Muito boa essa pergunta porque me dá a oportunidade de falar do ensino de literatura na escola. Já no primeiro capítulo, levanto a questão do que é literatura. Se vamos falar de leitura do texto literário, temos de deixar bem claro o que entendemos por leitura, por texto e por literário, o que não é tarefa das mais simples. Veja-se, por exemplo, o conceito de texto. Teremos tantos conceitos quantas forem as bases teóricas que adotarmos. A Semiótica discursiva conceitua texto de uma forma, a Linguística Textual de outra. Quanto ao conceito de literatura, esse também sofre variações não só no tempo, mas também na forma como entendemos a arte em geral. Se para um especialista essa discussão é complexa, imagine então para um estudante. Para ele, é difícil entender por que consideram Mozart arte e o *rap* não, por que a escola classifica certos autores como Machado e Alencar, por exemplo, como literários e outros que os alunos leem e de que gostam como não literários. Por que certas formas canônicas têm o *status* de literatura e outras, como o cordel, por exemplo, não. Trata-se de um tema bastante instigante e que sugerimos que o professor discuta com seus alunos. Dado os limites de nosso livro, optamos por mostrar que a institucionalização acaba por ser o critério objetivo que permite classificar uma obra como literária, ou seja, consideram-se literárias aquelas obras que receberam a chancela oficial da academia, da escola, da intelectualidade. No entanto, se analisarmos do ponto de vista estético, muitas produções culturais não consideradas literárias deveriam sê-lo e outras consideradas literárias não deveriam sê-lo. Por que a *Carta de Caminha* é literatura e *Tocando em frente* de Almir Sater e Renato Teixeira não é literatura? Por outro lado, nem tudo que é marcado pela literariedade deve ser considerado literatura, e aí eu penso particularmente na linguagem publicitária. Enfim, minha proposta no livro não foi dar uma resposta

definitiva e pronta, mas suscitar a discussão sempre atual: mas afinal, o que é a literatura?

Como vê a inserção de autores não canônicos na escola hoje?
Há lugar para a sua leitura?

Sempre conto aos meus alunos minha experiência pessoal. Quando eu era adolescente, ia ao cinema e assistia às comédias de Jerry Lewis, aos filmes de banguê-banguê, aos filmes românticos tipo água-com-açúcar. Quanto a leituras, passava horas lendo as histórias de Tarzan, de Edgard Rice Burroughs, Agatha Christie e Conan Doyle. Assistir a esses filmes e ler esses livros chamados de paraliteratura possibilitaram que eu, mais tarde, pudesses assistir aos filmes de Bergman, Visconti, Buñuel, Tarkóvski e ler Faulkner, Proust, Virgínia Woolf e Guimarães Rosa. Esse exemplo pessoal ilustra uma postura que defendo: é por meio da leitura de autores não canônicos que os leitores chegarão aos autores legitimados culturalmente e prestigiados pelo cânone escolar. Portanto, a resposta à pergunta é afirmativa: há espaço sim na escola para a leitura de autores não canônicos. Ademais, quem pode garantir que um autor não canônico hoje não possa vir a sê-lo no futuro?

Em artigo intitulado “A significação como tema na literatura”, o senhor defende que “(...) a palavra não é apenas matéria-prima da obra literária, mas também tema dela (...)”. Nessa perspectiva, como seria o trabalho ideal com a literatura em salas de aula nos diferentes níveis da educação básica?

Nesse artigo, volto-me para outra faceta da obra literária: o seu caráter metalinguístico. Propositamente, discuto textos em prosa, já que na poesia isso é mais frequente. Na educação básica, o aluno deve tomar contato com a mais variada gama de textos literários, de gêneros diversos, e que abordem temas diversos. É essencial que, com a ajuda do professor, ele vá tomando consciência do caráter lúdico do discurso literário, que não tem uma significação fechada, única. Compreender literatura é perceber o caráter polissêmico do discurso literário. A atitude do professor deverá ser a

de estimular os estudantes a falarem sobre o que entenderam da obra, sem rejeitar interpretações que não coincidam com a sua ou a proposta pelo material didático, uma vez que o sentido é uma construção do leitor. É claro que isso não significa que ele deva aceitar qualquer leitura que o aluno faça. É preciso que ele verifique se a leitura feita pelo aluno está autorizada pelo texto.

Uma proposta que tenho sugerido e que é pouco explorada na escola é mostrar aos alunos que os textos literários são figurativos, ou seja, que os temas, que são abstratos, são concretizados por palavras concretas (as figuras). Assim, o professor deve, a partir das palavras concretas que estão nível discursivo, fazer o aluno perceber o que está contido no nível mais abstrato e profundo do texto, seu tema. Nas séries iniciais, ele já pode começar esse trabalho, trabalhando com fábulas, por exemplo.

Seu último lançamento foi *A produção literária e a formação de leitores em tempos de tecnologia digital*. Poderia comentar um pouco as ideias centrais dessa obra? De que maneira o senhor entende a contribuição da tecnologia para o ensino de língua e literatura?

Esse livro foi lançado em 2015 e, de certa forma, dá continuidade às pesquisas que venho realizando sobre leitura literária. Esse trabalho amplia e complementa o livro *Leitura do texto literário*. No novo livro, aprofundo questões já lançadas em livros e artigos anteriores e trago para ele a leitura em tempos de novas tecnologias que têm servido de suporte aos textos literários. Outra ideia central que o livro aborda é a questão da enunciação, que é pressuposta pela existência do enunciado. Procuro mostrar como se dá a instalação do sujeito da enunciação no texto e como se estabelece um eixo de coordenadas espaço-temporais. Para isso, reporte-me aos estudos da Semiótica de tradição francesa, também chamada discursiva ou greimasiana.

No livro, mostro também que a leitura tem uma história. É comum as pessoas ficarem espantadas com a "revolução" trazida por essas novas tecnologias, mas aí temos que pensar como Chartier que nos mostra que a leitura na tela do computador não foi a primeira e nem a mais radical mudança na forma de se relacionar com os textos. É claro que essas novas tecnologias têm um papel sedutor muito grande, levando muitas pessoas a acreditar que ela decreta o fim das formas tradicionais de leitura. É claro que, no universo tecnológico, obras em papel como dicionários e enciclopédias tendem a

desaparecer, mas a leitura de poemas, contos e romances continuará a ser feita ainda livros de papel.

O importante é termos consciência de que os modos de se relacionar com os textos se alteram na história. A passagem do rolo para o códex foi uma revolução tão grande quando a passagem do livro de papel para a tela do computador, já que permitiu não só que o leitor tivesse as mãos livres para fazer anotações, quanto poder usar os dois lados do suporte, o que significa que o códex possibilitou que se colocasse nele uma quantidade maior de texto do que no rolo.

A revolução tecnológica permitiu que um recurso que já aprecia de forma tímida nos textos impressos ganhasse uma dimensão e uma importância enormes. Refiro-me ao hipertexto. Por meio de cliques em *links*, o leitor consegue fazer uma leitura não linear do texto, associando inclusive linguagem verbal a linguagens não verbais e sincréticas.

As novas contribuições dadas pela tecnologia não podem ficar ao largo da escola, ademais porque as gerações que estão chegando a ela já nasceram num mundo em que internet, *smartphones*, *tablets*, redes sociais fazem parte de seu cotidiano. Compete ao professor, portanto, levar os alunos a usarem essas novas tecnologias como forma de aquisição e transmissão de conhecimentos.

Embora seja um tanto maniqueísta, em geral os professores formados em Letras preferem atuar ou na parte de língua e produção de texto ou na de literatura. O senhor tem uma longa e profícua carreira na primeira; é curioso observar, no entanto, que suas últimas produções vêm sendo na segunda “área”. Como seria possível coadunar as duas frentes?

Essa pergunta eu tento responder em um artigo que escrevi recentemente para um livro que está sendo organizado pela Professora Mayra Pinto. Nele, faço um breve histórico do ensino de língua materna e mostro que, particularmente, no Ensino Médio, a disciplina Língua Portuguesa se dicotomizou em frentes (língua e literatura) e, às vezes, até mesmo houve uma tripartição em língua, literatura e produção de textos, com professores distintos e material didático distinto, sem que, muitas vezes, houvesse diálogo entre os professores dessas frentes.

O que proponho, no artigo, não é que se extingam as três frentes, ou que se tenha um professor único para as três, mas que haja uma maior integração entre elas. O

problema é como operacionalizar isso. O que proponho é um ensino articulado de língua e literatura, a partir de uma abordagem do texto literário por meio de marcas linguísticas da enunciação e de figuras presentes no nível discursivo do texto como forma de construção de sentido desses textos, integrando, dessa forma, estudos linguísticos com estudos literários. Para que isso seja possível, é necessário mudar-se um pouco o ensino de literatura, tradicionalmente feito a partir de uma perspectiva histórica, para uma perspectiva discursiva, ou seja, o ponto de partida deve ser sempre o texto em si, que é o *locus* em que se manifesta a interação enunciador / enunciatário e que a primeira abordagem do texto se dê pelo nível discursivo a partir das marcas da enunciação e das figuras que revestem o tema, ou seja, uma abordagem sintático-semântica e não uma abordagem a partir do contexto histórico em que ele foi produzido.

Temos hoje um mercado editorial aquecido e que dialoga especialmente com a indústria cinematográfica internacional. Tal lógica poderia construir um universo de novos leitores para a nossa literatura?

Não tenho dúvidas de que sim, mesmo levando em conta que o aquecimento desse mercado editorial que dialoga com a indústria cinematográfica internacional se deva, fundamentalmente, à circulação de obras e filmes ligados a *masscult*. No entanto, não há como negar a importância dessas obras não prestigiadas pelo cânone escolar na formação de novos leitores. Considero importante que todos os professores que ensinam literatura leiam um texto de José Paulo Paes denominado *Por uma literatura brasileira de entretenimento* (ou: *O mordomo não é o único culpado*) que faz parte do livro *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. Nele, Paes faz um comentário sobre o qual todos os professores de literatura deveriam refletir: do universo de leitores de obras consideradas *masscult* sairão os leitores de obras prestigiadas pelo cânone escolar.

Qual é a sua leitura a respeito do currículo das Universidades e da formação de professores de língua portuguesa nos dias atuais?

Considerando que os cursos de Letras formam basicamente profissionais que se dedicarão ao magistério, acho salutar que mudanças no currículo têm objetivado dar aos

estudantes um subsídio mais amplo para o exercício do magistério, deixando um pouco de lado um ensino voltado para uma formação mais, vamos assim dizer, erudita. Quando cursei Letras fiz várias disciplinas que, se de um lado contribuíram muito para minha formação humanística, pouco me serviram para meu exercício como professor de português. Um exemplo? Filologia românica. Nem sei se atualmente se ensina essa disciplina na graduação. Não estou dizendo que não se deva estudar filologia românica. Mas na graduação não tem sentido. Minha opinião é que a graduação tenha um currículo voltado essencialmente à formação de professores de ensino fundamental e médio. Tal currículo deve propiciar ao futuro docente uma base teórica sólida para ele poder exercer o magistério com segurança, autonomia e competência para que ele um professor de fato e não um “dador” de aula, escravo do material pedagógico utilizado, deixando para a pós-graduação uma formação voltada à pesquisa. O que acho essencial é não haja um fosso entre a graduação e a pós. Embora tenham objetivos diferentes, há de haver um diálogo constante entre os que atuam nesses dois níveis. Os estudantes de graduação devem se inteirar do que é produzido na pós e pesquisadores devem estar sempre em contato com professores de ensino fundamental e médio e estudantes de Letras. Como fazer isso? Não vejo outra saída que não seja a participação de todos em congressos e simpósios.